

# Percepções sobre os efeitos da prevenção primária nos determinantes de saúde-doença e nos fatores de risco de pacientes com alto risco cardiovascular

Fernando Henrique Fontes de Carvalho Ferreira<sup>1</sup>, Julia Zoucas Nunes de Souza<sup>1</sup>, Bruna Albuquerque de Souza<sup>1</sup>, Tales Dresch Brigide<sup>1</sup>, Maria Fernanda de Souza Xavier<sup>1</sup>, Letícia de Siebra Mecnas<sup>1</sup>, Lilian Soares da Costa<sup>12</sup>

40° CONGRESSO  
SOCERJ2023  
19 A 21  
ABRIL | 2023



Escola de Medicina da Fundação Técnico Educacional Souza Marques – EM/FTESM<sup>1</sup> e  
Instituto Estadual de Cardiologia Aloysio de Castro – IECAC/RJ<sup>2</sup>



## Introdução

As Doenças Cardiovasculares representam cerca de 30% da mortalidade no Brasil. O profissional cardiologista, muitas vezes inserido em um ambiente de atenção secundária ou terciária, utiliza-se de prescrições e artifícios de alta densidade tecnológica, com foco primordial na prevenção secundária. Entretanto, como descrito em diferentes diretrizes nacionais e internacionais, cuidados de prevenção e modificações do estilo de vida permeiam recomendações para pacientes da atenção primária à terciária. Dada a cronicidade dessas condições e a complexidade de seu controle, a Atenção Primária à Saúde (APS) é a principal instância de atenção a esses pacientes seja para acompanhamento de rotina ou a integralidade do cuidado (ROCHA- BRISCHILIARI et al., 2014). Para o alcance dessa integralidade sistêmica, a atenção primária necessita ser resolutiva ao trabalhar na articulação com os outros níveis de atenção à saúde, de média e alta complexidade. (PONTES et al., 2010).

## Objetivos

Analisar o perfil sociodemográfico e a percepção das atuações preventivas no atendimento a uma amostra transversal de pacientes de alto risco de cardiovascular do setor ambulatorial de um Hospital Terciário de Cardiologia da Zona Sul do Rio de Janeiro.

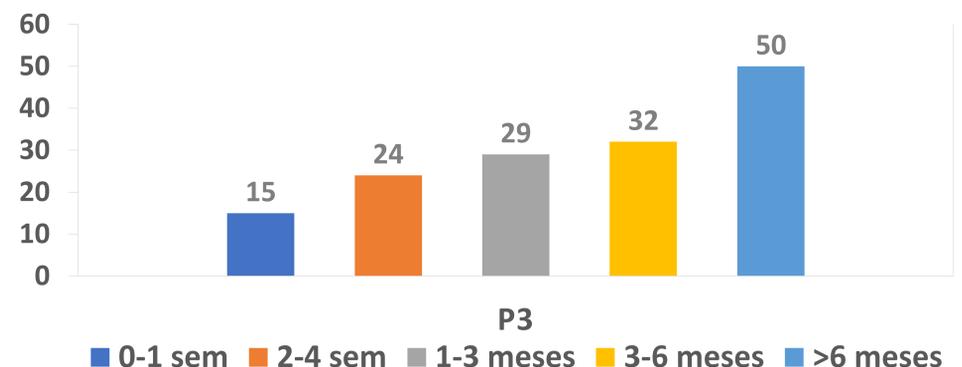
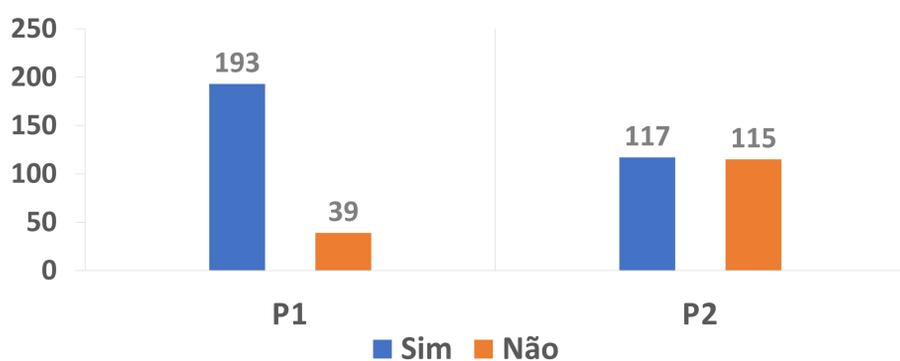
## Materiais e métodos

Estudo epidemiológico descritivo com aplicação de questionário estruturado em pacientes ambulatoriais de alto risco cardiovascular, no período de novembro de 2022 a janeiro de 2023. Utilizou-se análise descritiva transversal de dados socio-epidemiológico, socioeconômico, nível de escolaridade, relação com a Equipe de Estratégia da Saúde da Família (ESF) e relato de instrução de cuidados preventivos recebidos durante consultas ambulatoriais.

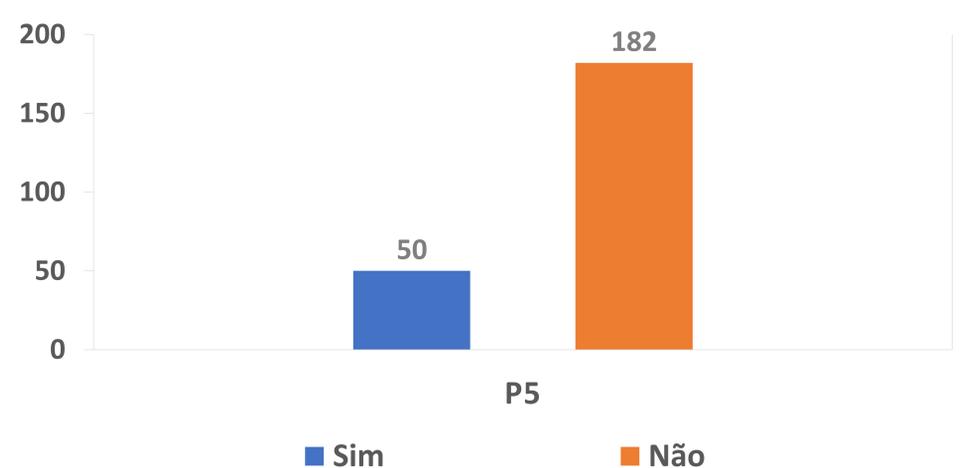
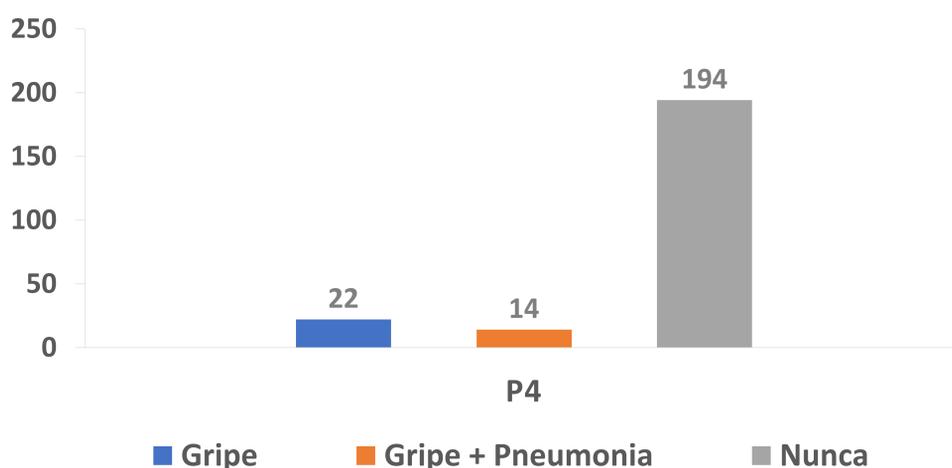
## Resultados

Entrevistados 232 pacientes, 50% homens (n=116), média de idade 64±20,5 anos e 56,4% com nível de escolaridade máxima sendo o ensino fundamental.

- **Pergunta 1 (P1)** : Conhece onde é a sua clínica da família?
- **Pergunta 2 (P2)** : Conhece a sua equipe de estratégia da família (médico - enfermeiro - ACS) ?
- **Pergunta 3 (P3)** : Caso tenha acompanhamento na CF, quando foi sua última consulta na CF?



- **Pergunta 4 (P4)** : Algum médico CARDIOLOGISTA já PRESCREVEU vacina contra GRIPE ou PNEUMONIA para o(a) senhor (a), em algum momento de seu tratamento cardiológico (AMBULATORIAL OU INTERNAÇÃO)?
- **Pergunta 5 (P5)**: Você já recebeu alguma recomendação do seu cardiologista, em algum momento, para ir ao dentista?



## Conclusão

Os dados enfatizam a falta de vínculo de longitudinalidade para acompanhamento de cardiopatias na atenção básica, defasagem na instrução quanto aos cuidados preventivos na atenção 3ª, pouca comunicação entre a atenção 3ª e 1ª no manejo e, ainda, a necessidade de uma educação continuada que abranja os diferentes níveis socioculturais e de escolaridade. O reflexo de uma articulação defasada na Rede de Atenção à Saúde entre a ESF, uma das principais portas de entrada ao SUS, e a atenção 3ª, reflete na superlotação dos serviços, na evasão de pacientes e na dificuldade do manejo das cardiopatias, uma vez que o cuidado integral é um princípio ético doutrinário do SUS e o reforço de instruções na medicina preventiva é uma consistente ferramenta na prevenção e manejo de doenças.

## Referências

NÓBREGA, Thiago Fragoso; SOUSA, Milena Nunes Alves de. Papel do Médico de Família e Comunidade no Manejo da Hipertensão Arterial na Atenção Primária à Saúde. Id on Line Rev.Mult. Psic., Fevereiro/2021, vol.14, n.54, p. 419-426. ISSN: 1981-1179.  
ROCHA-BRISCHILIARI, S. C.; AGNOLO, C. M. D.; GRAVENA, A. A. F.; LOPES, T. C. R.; CARVALHO, M. D. B.; PELLOSO, S. M. Doenças Crônicas não Transmissíveis e associação com fatores de risco. Rev Bras Cardiol. 2014;27(1): 531-8.  
ANDRADE, S.S.; STOPA, S.R.; BRITO, A.R.; CHUERI, P.S. Prevalência de hipertensão arterial autorreferida na população brasileira: análise da Pesquisa Nacional de Saúde. 2013. Epidemiologia serviços de Saúde, Brasília, 2015.  
PONTES, F. L. I.; PRESTES, J.; LEITE, R. D.; RODRIGUEZ, D. Influência do treinamento aeróbio nos mecanismos fisiopatológicos da hipertensão arterial sistêmica. Rev Bras Ciênc Esporte. 2010;32(2-4):229-44.